



ELEIÇÕES NA COLÔMBIA

Um azarão no caminho da esquerda

Disputa presidencial terá segundo turno entre o líder das pesquisas de intenção de votos, o ex-guerrilheiro Gustavo Petro, e Rodolfo Hernández, candidato independente que cresceu na reta final e foi a surpresa da votação

A eleição presidencial colombiana terá segundo turno, que será disputado em 19 de junho, entre o esquerdista Gustavo Petro e o populista Rodolfo Hernández. Com 86,79% das urnas contabilizadas, Petro tem 40,3%, seguido por Hernández, com 28,2%.

A esquerda alcança seu melhor resultado eleitoral no país de 50 milhões de habitantes, historicamente governado por elites e assolado pelo narcotráfico e pela violência crescente, apesar do acordo de paz de 2016 com a guerrilha das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). É a segunda eleição presidencial desde a assinatura do tratado pelo governo no país andino, e o tema não foi central na campanha, que se concentrou em questões como pobreza e corrupção.

A liderança de Petro, o candidato esquerdista de 62 anos, que fez parte do movimento de guerrilha M-19 e prometeu profundas mudanças econômicas e sociais, não surpreendeu: ele tenta o pleito pela terceira vez e vinha em primeiro lugar nas sondagens desde o início da campanha. A novidade foi Hernández, um magnata populista do setor imobiliário que apareceu por meses na sexta colocação nos levantamentos, mas, na reta final, passou por cima dos nomes mais cotados para chegar ao segundo turno. Aos 77 anos, ele somava 19% das intenções de votos, foi chamado de "Trump tropical" pela imprensa local e subiu inesperadamente nas pesquisas na última reta da campanha, depois de prometer limpar o país da corrupção e doar seu salário, entre outras medidas.

Com esses resultados, os colombianos castigaram de maneira inédita os partidos tradicionais e principalmente a direita, que pela primeira vez ficará de fora da disputa pela presidência.

O favorito para enfrentar Petro era o direitista Federico "Fico"

Gutiérrez, ex-prefeito de Medellín, apoiado pelo atual governo, de Iván Duque, e pelo Centro Democrático, partido comandado pelo caudilho Álvaro Uribe, popular ex-presidente da Colômbia. Ele ficou com 23,48%.

Hernández também desbancou o centrismo Sergio Fajardo, que vinha em terceiro lugar nas pesquisas e tinha a preferência do eleitorado mais urbano, mas chegou às urnas com 4,22% dos votos.

A Colômbia nunca foi governada pela esquerda. O ex-guerrilheiro e senador Gustavo Petro, da coalizão Pacto Histórico, foi o único esquerdista entre os seis candidatos à sucessão do presidente Iván Duque, no palácio presidencial Casa de Nariño. Em 2018, o segundo turno foi entre Duque e Petro, com a união da direita para evitar a eleição do ex-prefeito da capital colombiana, Bogotá, o segundo cargo mais importante do país.

A vice de Gustavo Petro é a advogada e ativista ambiental Francia Márquez, que pode ser a primeira mulher negra a chegar ao cargo. Entre as propostas de Petro, estão reforma agrária, redução da taxa de desemprego por meio da criação de vagas no Estado e diminuição da dependência do país em relação ao petróleo, principal produto de exportação colombiano. Ele priorizará a produção do campo e das indústrias, com um governo social-democrata em que as expropriações estão fora dos planos.

Por outro lado, Hernández faz uma campanha baseada no amplo uso de redes sociais e ficou popular com discurso anticorrupção e caravanas pelo interior do país. Rico empresário do setor da construção, foi prefeito de Bucaramanga e tem origem pobre. Polêmico, já afirmou ser admirador do ditador nazista Adolf Hitler, para depois dizer que tinha se enganado e que, na verdade, queria dizer Albert Einstein.

LUIS ROBOAY



Estou confiante de que essa vontade de mudança será a maioria"

Gustavo Petro, senador esquerdista e ex-prefeito de Bogotá

Votação

O dia da eleição transcorreu sem grandes problemas. Havia um forte temor em relação às diversas ameaças que pairavam sobre Petro, que chegou a discursar cercado por guarda-costas que empunhavam escudos à prova de disparos de fuzil e metralhadora. No início do dia, Gustavo

Petro publicou uma carta nas redes sociais. "É tempo de confiança, convivência e vontade de mudar. Acredito na Colômbia, o sonho pacífico, bonito, justo, cheio de trabalho e conhecimento. Acredito que é hora de realizar sonhos. De vocês", dizia o texto. "Estamos representando a vontade de mudança (...) estou confiante de que essa vontade de

EZEQUIEL BECERRA



Faremos um país para todos, especialmente para os mais necessitados"

Rodolfo Hernández, empresário apelidado de 'Trump Tropical'

mudança será a maioria", disse o candidato, mais tarde, após votar em um bairro popular da capital colombiana.

Já o oponente para a próxima fase, Rodolfo Hernández, em seu discurso ontem à noite em Bucaramanga, reforçou que fará "um país para todos, onde o governo trabalha cada dia para o bem-estar dos colombianos,

especialmente para os mais necessitados".

Os colombianos escolherão seu próximo presidente entre a mudança radical proposta por Petro e a alternativa incerta de Hernández, que foca na luta frontal contra a corrupção. Quem vencer terá que lidar com um país ainda convalescendo dos estragos da pandemia.

GUERRA NA UCRÂNIA

RONALDO SCHEMIDT/AFP



Presidente ucraniano não ia ao local desde o início da invasão russa

Zelensky vai ao leste do país pela 1ª vez

O presidente ucraniano Volodymyr Zelensky visitou ontem o leste do seu país pela primeira vez desde o início da invasão russa, que aperta o cerco sobre as cidades de Severodonetsk e Lyssychansk, no Donbass. O chefe de Estado permaneceu na capital Kiev desde que o presidente russo, Vladimir Putin, lançou a invasão da Ucrânia em 24 de fevereiro.

Em imagens divulgadas no Telegram, ele aparece vestido com colete à prova de balas, inspecionando a destruição, bem como veículos atacados na beira da estrada, acompanhado por colaboradores e soldados armados.

Após a visita, Zelensky anunciou que demitiu o chefe dos serviços de segurança de Kharkiv por "não trabalhar na defesa da cidade" desde o início da invasão lançada pela Rússia. "Eu demiti o chefe das forças de segurança ucranianas para a região porque ele não trabalhou na defesa da cidade desde o primeiro dia desta guerra em

grande escala, pensando apenas em si mesmo", afirmou em transmissão nacional. Embora o presidente não tenha mencionado o nome do funcionário, a mídia ucraniana o identificou como Roman Dudin, diretor dos Serviços de Segurança da região de Kharkiv, bombardeada quase diariamente desde o início da invasão russa em 24 de fevereiro, que vivencia uma pausa de algumas semanas com a saída de tropas inimigas em outras direções, no leste e sul da Ucrânia. A parte leste da cidade, no entanto, continua sendo bombardeada às vezes pela artilharia russa.

Durante sua viagem a Kharkiv, Zelensky discutiu planos de reconstrução com as autoridades locais. Segundo ele, existe a possibilidade de que as áreas devastadas pelos combates "tenham uma cara nova". Os moradores apareceram para beber um café, comer alguma coisa ou tomar o sorvete "Biloshka", uma especialidade da casa que é servida

desde a década de 1960. "Precisamos manter o trabalho. A cidade está voltando aos poucos ao que era", disse Alyona Kostrova, proprietária do café, à AFP. O cardápio foi cortado por problemas de abastecimento e o estabelecimento funciona com mão de obra reduzida.

A atmosfera é muito diferente em Saltivka, um bairro distante do centro onde ainda caem mísseis russos. "Eu não diria que as pessoas compram muito. As pessoas não têm dinheiro", disse Vitaly Kozlov, 41, enquanto vendia ovos, carne e legumes.

"Nesta guerra, os invasores estão tentando obter um resultado, seja ele qual for. Mas eles devem saber há muito tempo que defenderemos nossa terra até o fim", disse Zelensky.

O presidente fala hoje na cúpula europeia em Bruxelas, onde os líderes dos 27 Estados-membros se reunirão para tomar uma decisão sobre um possível embargo ao petróleo russo. O bloco europeu está considerando

excluir o oleoduto que entrega petróleo à Hungria do novo pacote de sanções, disseram fontes da UE à AFP.

Zelensky recorrerá ao bloco europeu para continuar suas tentativas de aumentar a pressão contra Moscou. Até agora, uma nova rodada de sanções contra a Rússia que atinge a maior parte do setor de hidrocarbonetos foi interrompida pela Hungria, que depende fortemente desses recursos e teme consequências para sua economia.

O país da Europa Central, sem litoral e abastecido pelo gasoduto Druzhba, pediu 800 milhões de euros (US\$ 860 milhões) em fundos da UE para adaptar suas refinarias e capacidades de gasodutos para receber suprimentos alternativos, por exemplo, da Croácia.

Atualmente, uma nova proposta está sendo discutida para excluir Druzhba do embargo de petróleo para limitar as sanções sobre o fornecimento de petróleo por navio.